

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Vagueando em Beijing. A cidade, os jogos e os espaços.

Otávio Tavares.

Cita:

Otávio Tavares (2009). *Vagueando em Beijing. A cidade, os jogos e os espaços. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1923>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Vagueando em Beijing

A cidade, os jogos e os espaços

Prof. Dr. Otávio Tavares – PPGEF/UFES

Resumo

Na diversidade da sociologia contemporânea não parece ser comum adoção do vaguear como estratégia de pesquisa. Como um método de pesquisa microssociológica, o passear a pé tem em Erwin Goffman seu principal protagonista. Diante da oportunidade de estar em Beijing durante a realização da última edição dos Jogos Olímpicos me propus a possibilidade de transformar esta experiência em pesquisa, em sentido oposto da tendência de considerar os Jogos como mega-evento, exigente de pesquisas tão abrangentes quanto o objeto investigado. Esta pesquisa teve como objetivo observar de maneira transversal e localizada a organização dos espaços da cidade e dos Jogos e como eles se relacionam. Isto parece ser significativo na medida em que Beijing reafirmava com seu lema, “Um mundo, um sonho”, um discurso de pretensões globalizantes, ao mesmo tempo em que buscava fazer dele um marco específico de identidade e posicionamento, o que pressupõe uma tensão entre objetivos contrapostos. Para a realização deste objetivo tomei como referência o conceito de ‘palco de operação’ de Giddens, o princípio do observador como uma ‘unidade de deslocamento em movimento’ de Goffman e as categorias da sociologia do espaço de Georg Simmel. As observações de 10 dias de permanência em Beijing foram analisadas tendo como base de comparação minha própria experiência de visitante nos Jogos Olímpicos de 2000 (Sydney) e 2004 (Atenas) e nos Jogos Panamericanos de 2007. Pude observar como os espaços ‘olímpicos’ (áreas de competição, treinamento, hospedagem, transporte) tornam-se *exclusivos*, determinando uma percepção definida de um lugar diferenciado que deixa de ser a cidade para ser uma instalação olímpica. Nele são apagadas as marcas da cultura local, tornando-se claramente *divididos* e *delimitados*. Suas fronteiras artificiais, bem mais amplas do que os locais de competição,

são regidas por regras claras reafirmando sua exclusividade e diferença. Como tal, estes espaços também são *fixados para uma determinada expectativa de atuação*. Neles, os modos de atuação dos torcedores são explicitamente comandados por telões e animadores e a exibição de fair play e internacionalismo parecem tornar-se uma exigência entre todos. Nestes ambientes, idiomas, uniformes, cores, sinalização, ambientação criam uma *dimensão sensorial* de identidade própria que transcendem a divisão física real em graus diferenciados. A cidade olímpica é plena de bandeiras, cartazes, símbolos e gentes ostensivamente diferentes gerando identidade e temporalidade próprias. Mas as instalações olímpicas são cada vez mais parecidas entre si, uma vez que seus elementos se repetem a cada quatro anos. Obviamente, a distância, a barreira da língua e os controles do estado limitaram as possibilidades de se pensar na *fluidex dos espaços*. Ao contrário de experiências anteriores, a festa de rua tinha um caráter bastante limitado e o observador era sempre também um observado. Os Jogos adquirem atributos espaciais próprios que transcendem a identidade da cidade. Por outro lado, ela se apresenta de tal forma que impede, parcialmente, que a conheçamos um pouco mais. Todavia, este caráter de interação parece estar diretamente relacionado aos graus de liberdade e ao projeto político do país sede.

“*A China inquieta-me*”

Blaise Pascal¹

I.

Imagine-se chegando, após mais de 30 horas de deslocamento, ao outro lado do mundo. Mais precisamente a Beijing, capital da China. Atual República Popular, antigo império milenar. As instalações do aeroporto, como de resto quase toda a infra-estrutura de transporte de massa em Beijing, são bastante novas, tendo sido grandemente ampliadas e modernizadas para os Jogos. Há uma excitação no ar. Um movimento intenso de passageiros chegando, muitos uniformizados com roupas coloridas, como cartazes ambulantes informando o país de procedência e/ou as empresas as quais estão ligados, e centenas de funcionários chineses dispostos a sorrir e dar informações. Ao

¹ Citado por Jullien (1996, p. 164)

contrário do que poderia esperar, os trâmites da imigração são rápidos, o oficial simpático e o mais surpreendente: um pequeno painel eletrônico pede que eu avalie a qualidade de seu atendimento.

O inglês, língua franca, entre outras coisas, do turismo internacional, é a ponte de contato possível, pois o idioma local é, para mim, impenetrável. A escrita e a fonética são claramente incompreensíveis para a grande maioria dos viajantes que chegam aquele lugar. Como seria lembrado mais tarde, a incompreensão é, geralmente, uma via de mão dupla, de modo que a quantidade de chineses, mesmo trabalhando em atendimento ao público, que conseguiam comunicar-se em inglês era muito baixa. Salvou-me o guia impresso bilíngüe. Num país de gestos contidos e tradição de vigilância mútua, a mímica não conseguia comunicar nem mesmo coisas simples.

Desde Marco Pólo a China é vista como um lugar desconhecido. O mais oriental dos orientais, cujas narrativas idealizadas ilustram aquilo que Edward Said chamou de orientalismo, “um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência Ocidental européia” (2007, p. 27) e sua condição de invenção pelo ocidente. Como tal, o orientalismo ajudou a definir simultaneamente as compreensões do ocidente sobre si mesmo e do oriente como seu ‘outro’. Neste contexto, são antigas as narrativas sobre a letargia do homem chinês, a ausência de um espírito agonístico e o caráter intelectualizado e efeminado de sua civilização, em oposição ao energético e competitivo ocidente, cristalizadas na imagem do ‘homem doente da Ásia’ (BROWNELL, 2008).

Nova potência emergente, a China, é mais uma vez um claro enigma que evoca imagens contraditórias. Tradição e modernidade, capitalismo e dirigismo estatal, tecnologia e produtos baratos, riqueza e pobreza. Sua mais recente ação para estabelecer-se como potência no cenário internacional é sediar a XXIX edição dos Jogos Olímpicos. Mega-evento contemporâneo de tradição secular e alcance planetário, os Jogos Olímpicos serão para os chineses, o que já foram para japoneses em 1964, coreanos em 1988 e espanhóis em 1992: uma festa de reconhecimento de seu novo status internacional (CLOSE; ASKEW; XIN, 2007) e uma maneira de apagar definitivamente a imagem do “homem doente”.

Estou chegando a Beijing para participar de um simpósio internacional sobre estudos olímpicos² que acontece imediatamente antes dos Jogos e ficarei por dez dias na cidade. No trânsito entre o aeroporto e o hotel, pude confirmar imediatamente que o ar cinza que toma a cidade impede que se enxergue claramente não mais que nesgas do azul do céu e prédios imensos a cerca de uns dois a três quilômetros. O clima é seco, quente e abafado. Beijing é uma cidade de quase quinze milhões de habitantes, cinco anéis viários, avenidas muito largas, prédios imensos e bairros muito grandes que possuem, geralmente, uma entrada guardada, ruas internas e múltiplas ocupações. Na verdade, sua urbanização mais recente vai substituindo gradativamente a antiga, baseada nos *hutongs* – espécie de bairros com residências voltadas para dentro, sempre pintados de cinza, sem janelas para fora, pátios internos, banheiros coletivos, um ar ruim e um jeito insuperável de ‘cabeça de porco’. A maioria dos prédios residenciais tem aspecto pouco cuidado, grades em todas as janelas nos três ou quatro primeiros andares, pequenas varandas que parecem serem depósitos residenciais e banheiros coletivos nos andares³.

Por outro lado, jardins bem cuidados exibem arranjos ou figuras que evocam os Jogos. Bandeiras com motivos olímpicos decoram milhares de postes em toda a cidade, assim como é praticamente impossível encontrar um cartaz qualquer, grande ou pequeno, que não exiba a propaganda de um patrocinador olímpico. Os Jogos estão em toda a parte. Os tapumes que cercam as obras na cidade, todas paralisadas como forma de amenizar os problemas da cidade⁴, exibem com alegre fundo colorido, em diversos idiomas, o lema: “Um mundo, um sonho”⁵. Ao chegar ao hotel, bastante próximo de instalações de treinamento e das residências de centenas de voluntários, comecei a ter uma sensação de *deja vu*. Todas aquelas bandeiras, os símbolos, os uniformes em azul e bege dos voluntários, as formas e cores da sinalização. Tudo aquilo me pareceu imediatamente familiar, lembrando o que já havia presenciado nos Jogos de Sydney (2000), Atenas (2004) e no Pan do Rio (2007). De fato, não ignorava que a existência de todo um sistema organizado de transferência de conhecimento entre organizadores de mega-eventos esportivos⁶ poderia produzir uma organização semelhante, apenas ainda não havia notado isto tão claramente.

² 9th International Symposium on Olympic Research. Evento organizado pelo International Centre for Olympic Studies (University of Western Ontario – Canadá) e Capital University of Physical Education (Beijing – China).

³ Tudo isto e a existência de um bairro nobre como Chaoyang e as salas VIP’s em agências bancárias me chamou particularmente à atenção, dando materialidade a eliminação de minhas mitologias sobre países socialistas e totalitários.

⁴ O deslocamento de indústrias, a retirada das ruas de parte da frota de veículos, adoção do gás como combustível dos ônibus, a suspensão do racionamento de água foram outras medidas adotadas pelos governos locais.

⁵ Lema este bastante semelhante ao dos Jogos Olímpicos de Inverno em 1998 em Nagano, Japão: “Um mundo, um coração”.

⁶ Este sistema é uma preocupação do Comitê Olímpico Internacional para com a qualidade dos Jogos materializada em uma empresa (Event Knowledge System) e um sistema (Olympic Games Knowledge Management Extranet) com este fim específico, e realização de uma série de outros procedimentos obrigatórios de transferência de conhecimentos.

Isto me pareceu ser um indício significativo na medida em que Beijing reafirmava com seu lema, “Um mundo, um sonho”, um discurso de pretensões globalizantes, ao mesmo tempo em que buscava fazer dos Jogos um marco específico de identidade e posicionamento. É preciso observar que tal pretensão realiza-se nos marcos de um evento que é entendido como uma celebração e uma ritualização dos valores da modernidade ocidental, ainda que sujeitos a mediações culturais (ARCHETTI, 1995; DaMATTA, 2003; LOLAND, 1995; MacALOON, 1987). Neste contexto, ainda que Durkheim nos tenha ensinado que quanto mais plurais tornam-se os grupos sociais, mais abstratas necessitam ser suas representações coletivas, a realização do evento olímpico em países como Japão, Coreia e China podem tornar-se ‘laboratórios’ para o estudo de fenômenos de aculturação. Por outro lado, se acompanharmos Lamartine DaCosta (2002), podemos entender os Jogos Olímpicos como um ritual secular com múltiplos níveis de significado, podemos igualmente questionar em que níveis e como se ajustam as demandas entre o local e o global⁷.

É claro que tal questão poderia ser desdobrada em um conjunto de questões mais específicas abordadas de diferentes formas⁸. Em face da oportunidade, me propus a fazê-lo em sentido radicalmente diverso daquilo que se poderia esperar diante de um objeto definido como ‘mega’. Sem uma estrutura de pesquisa previamente planejada, coloquei-me na condição definida por Goffman como uma ‘unidade de deslocamento em movimento’ (apud JOSEPH, 2000). Como o pesquisador que vagueia observando os fenômenos diretamente a partir de um foco absolutamente localizado, praticando uma “espécie de empirismo suave” (SCHRADER, 2002, p. 110)⁹.

Como estava claro desde o início, a língua, as condições de acesso a determinadas instalações e o tamanho da cidade condicionavam o que poderia ser observado. Assim, necessitava definir um objeto e uma posição estratégica, de onde o observado se tornasse visível numa constelação espacial e temporal típica de modo a evitar uma observação difusa (JACCOUD; MAYER, 2008). Diante de meu estranhamento original, o que me pareceu possível naquele momento era definir como objeto as configurações dos espaços da cidade relacionados à realização dos Jogos. Afinal, a diferenciação espacial significa, como Elias comprova em diversos exemplos, uma separação das

⁷ Ou entre o oriental e o ocidental, o despotismo e a liberdade, o imóvel (em Chinês: *jing*) e o ativo (em Chinês: *dong*).

⁸ Poderíamos investigar, por exemplo, como se configuram as políticas de identidade chinesas em função de seus projetos de inserção internacional. Ou testar as teses de antropólogos como Eduardo Archetti e John Macaloon que afirmam serem os Jogos um ritual de celebração da modernidade ocidental e do indivíduo, em face da cerimônia de abertura dos Jogos de 2008 e dos discursos orientalistas sobre a China.

⁹ Segundo Schrader (ibid., p. 110), “Se a alteração do espaço de sondagem for válida como procedimento social em determinada situação, o pesquisador social pedestre pode melhor reunir informações deliberadamente e adquirir conhecimentos do que aquele observador imóvel ao qual se refere a literatura metodológica”.

ações sociais. Isto significava, em um sentido mais estrito, observar as instalações esportivas, as arenas de competição, as instalações de rua (telões, palcos e espaços para performances) e em um sentido amplo, a própria ambientação da cidade¹⁰ como palcos de operação, ou seja, como lugares cuja organização espacial guarda relações significativas com a organização social.

Numa perspectiva microsociológica, o que transforma uma área física em uma entidade sociologicamente pertinente são as regras que permitem controlar a ordem dos lugares e a comunicação entre os participantes, ou seja, a estrutura normativa dos territórios espaciais ou temporais. Assim, achei possível analisar como a estrutura normativa dos territórios ‘olímpicos’ de Beijing materializava a articulação entre o projeto chinês de identidade no âmbito local e o discurso universalista dos Jogos e como tais vetores contrapostos se afetavam mutuamente. Para a realização deste objetivo lancei mão dos atributos do espaço propostos por Georg Simmel em sua sociologia do espaço (apud SCHRADER, 2002), como forma de dar um tratamento sistemático as observações realizadas. Para ele, os espaços: a) são exclusivos, b) podem ser subdivididos e delimitados, c) são fixados para a representação social, d) permitem proximidade sensorial, e) podem ser trocados.

II.

Os espaços olímpicos são exclusivos

Uma instalação olímpica é sempre um espaço de destinação exclusiva. Sua organização se dá de tal forma que outros usos e destinações ficam temporariamente excluídas, o que para Simmel é bastante significativo. Nada ali compete e nenhuma outra possibilidade de uso é possível, a não ser que seja acessória da atividade principal¹¹. Isto parece ser banal quando pensamos nos ginásios e estádios que tipicamente conhecemos, mas ganha significado quando observamos que uma grande quantidade de instalações são construções provisórias e/ou adaptações de outros espaços¹². Tecnicamente, são chamadas em inglês de *overlay*, palavra que significa encobrir (*To place upon something else*), sobrecarregar, revestir e, também, oprimir. As arenas de vôlei de praia são exemplos típicos de *overlay*. Em Beijing, na ausência de praia, sua instalação no Parque de Chaoyang foi feita de tal forma que não havia em torno dela nada que lembrasse um parque como os diversos

¹⁰ Metodologicamente falando, estariam eliminadas questões relacionadas as possibilidades de observação séria da cultura local e a necessidade ou não de tornar-me um observador oculto.

¹¹ Como a venda de alimentos e souvenirs, por exemplo.

¹² São tecnicamente chamadas em inglês de *overlay*, o que é sintomático uma vez que esta palavra significa encobrir (*To place upon something else*), sobrecarregar, revestir e, também, oprimir.

existentes na cidade, com sua intensa e multifacetada utilização popular¹³. Sua destinação exclusiva e o empenho para que nada fora do previsto acontecesse são comparáveis ao uso das águas da lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, durante as competições de remo e ski no Pan-americano de 2007, ou da baía de Sydney (2000) nas competições de vela e triatlo, por exemplo. A materialização desta exclusividade não reside apenas nos espaços abertos, também podendo ser evidenciada, por exemplo, no uso do centro de convenções Riocentro no Pan do Rio. Suas imensas instalações projetadas para receberem diversos eventos ao mesmo tempo tornaram-se um espaço único para atividades do Pan-americano, garantindo sua exclusividade.

Esta forma de destinação se estende, de algum modo, a cidade e a regiões vizinhas. De fato, o Comitê Olímpico Internacional ‘proíbe’ que a cidade-sede receba ao mesmo tempo outros mega-eventos durante o período de realização dos Jogos tentando dar a ela um destino exclusivo (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2007, P. 76). Do mesmo modo, quando as competições necessitam ser realizadas em regiões próximas, estas ganham também seu caráter exclusivo. Na China, uma área bastante grande na região da Grande Muralha e das Tumbas Ming, destinos turísticos por excelência, ficaram fechados à visitação no dia das provas de ciclismo de estrada, mesmo as provas acontecendo em rodovias diferentes daquelas que davam acesso aos pontos turísticos. É claro que devemos aceitar que este uso está baseado em decisões racionais a respeito do tamanho e das condições de gerenciamento do evento, mas sua consequência é que, neste contexto, as marcas da utilização e as formas de circulação habituais dos espaços desaparecem, transformando-os em algo distinto, em algo que não faz mais parte temporariamente da cidade.

Os espaços olímpicos são divididos e delimitados

Segundo Simmel (apud SCHRADER, 2000, P. 119), “a fronteira não é um fato espacial com consequências sociológicas, mas um fato sociológico que se amolda espacialmente”. A busca por exclusividade dos espaços leva a sua divisão e ao estabelecimento de fronteiras artificiais que delimitam os espaços e detêm o cidadão não autorizado, aquele que não tem o ‘passaporte olímpico’ ou o ingresso correto. Diferente das áreas urbanas planejadas cujo isolamento não é perfeito e portanto de alguma forma se integram ao entorno da cidade, as instalações olímpicas possuem delimitações mais rígidas, embora de temporalidade limitada. Tais fronteiras, sempre mais

¹³ Pude observar como os parques da cidade são utilizados por inúmeros grupos que cantam, dançam, praticam ginásticas diversas, fazem arte, lanches ou simplesmente passeiam.

amplas que os locais de competição, são regidas por regras claras que reafirmam, cada vez mais, segurança, exclusividade e diferença. Em Sydney, era possível chegar ao Parque Olímpico¹⁴ por ônibus ou trem e apenas lá enfrentar os controles de entrada, o que permitia aos indivíduos pelo menos visualizar o complexo. Do mesmo modo, no Rio, em 2007, o isolamento da maioria das instalações não era tão grande a ponto de impedir sua presença visual na cidade, o que matizava suas fronteiras. Em Beijing, as fronteiras do local onde foram construídos o estádio e o parque aquático eram tão distantes que não era possível ao indivíduo que não fosse portador de ingresso ou credencial sequer enxergá-los.

De maneira análoga a um controle de embarque ou de imigração, os procedimentos de entrada numa instalação olímpica envolviam o exame do ingresso, a passagem das pessoas e bolsas por controles de raio x bastante sensíveis e o exame visual dos equipamentos carregados. No verso de cada ingresso era possível ler 12 termos e condições de uso dos tíquetes, proibindo entre outras coisas, o uso de instrumentos musicais, paus de bandeiras¹⁵, bandeiras de países e regiões não participantes dos Jogos, faixas e cartazes, bandeiras maiores que 2x1 metros. Também não era possível entrar com nenhum tipo de comida ou bebida, fazendo das latas de lixo imensos depósitos de garrafas d'água e pacotes de doces e salgados. Assim se reduziam os riscos, mas também as singularidades.

Por outro lado, pude perceber como os usos e as delimitações no espaço das cidades podem variar. Olhados em um mapa da cidade, as instalações olímpicas, com suas fronteiras definidas, circulação limitada e uso exclusivo são quase que enclaves no ambiente urbano, porém, os usos e as delimitações da própria cidade em relação aos Jogos são distintas na maneira como alteram seus tempos, espaços e até mesmo suas práticas. Devido a força do regime, em Beijing foi possível paralisar todas as obras, suspender o racionamento de água e proibir uma parte da frota de carros de circular¹⁶. Do mesmo modo, os hotéis destinados a 'família olímpica'¹⁷ tinham seu quarteirão inteiramente isolado. A isto se some a existência de ruas fechadas, vias exclusivas e linhas expressas criadas e podemos imaginar o quanto a circulação na cidade se altera e seus impactos no cotidiano dos seus cidadãos. Tais fronteiras garantem a unidade dos espaços olímpicos, o que no plano

¹⁴ Local onde estavam localizados o estádio, os ginásios, o parque aquático e as arenas para as competições de tênis, baseball, softball, entre outros.

¹⁵ Pequenos mastros de plástico eram muitas vezes aceitos.

¹⁶ Parte destas informações foi obtida pela leitura da mídia estrangeira, parte foi obtida em conversas com colegas chineses de longa data.

¹⁷ i.e. todo o conjunto de dirigentes esportivos internacionais, nacionais, dirigentes de empresas patrocinadoras, autoridades governamentais e convidados ligados de alguma maneira aos Jogos e credenciados para isto.

urbano atingiu níveis ainda maiores de delimitação do que em eventos anteriores. Assim, é possível pensar como as instalações olímpicas se configuram em espaços claramente diferenciados no seio da cidade e se questionar o quanto dialogam com seus cidadãos e visitantes autônomos.

Os espaços olímpicos são fixados para uma expectativa de atuação

Todo o espaço está sujeito à regulação social que determina qual uso deles se pode fazer. Mesmo os chamados espaços públicos não podem ser encarados de outra forma. Mesmo assim, podem funcionar como palcos de operação para indivíduos e grupos como motivações muito diversas. Contudo, nas arenas e espaços olímpicos estas operações sofrem muitas restrições, tanto pelo que os frequentadores são autorizados a fazer, mas também pelo que eles são conduzidos a realizar em suas ações recíprocas.

Como observado anteriormente, existem restrições, que se fazem crescentes se comparadas às edições anteriores dos Jogos, ao que se pode usar para torcer (instrumentos, bandeiras, faixas). Do mesmo modo, fazia parte dos termos e condições de uso dos tíquetes em Beijing o alerta que “qualquer comportamento que venha perturbar o tranqüilo e ordeiro progresso da sessão ou perturbe outros espectadores [...] ou viole as leis e regulamentos chineses” era proibido. Como é óbvio, o caráter genérico desta definição deixa os indivíduos sem saber se e quanto suas ações poderiam ser estigmatizadas.

Por outro lado, parece mais importante observar como o comportamento da torcida é, cada vez mais, conduzido oficialmente, resultando num enquadramento moral do esporte e das formas de torcer de maneira mecânica semelhante ao que Luiz Henrique Toledo (2002) identificou nas primeiras formas uniformizadas de torcer no futebol brasileiro. Pouco se conhece sobre o espectador olímpico, mas é evidente que ele é bastante diferente do torcedor ordinário dos campos de futebol, tendo, talvez, um perfil mais próximo do torcedor de Copa do Mundo. Segundo Messing, Müller e Schorman (2004), embora a unidade de tempo e espaço conecte os espectadores olímpicos, elas não formam uma massa homogênea. Para estes autores, além de diferenças que eles classificam como estruturais¹⁸, os espectadores também podem diferenciar-se pelas atitudes em relação aos Jogos¹⁹. Podem tanto estar interessados em um círculo pequeno de esportes

¹⁸ Tanto as sócio-demográficas quanto as determinadas por vinculações com os próprios Jogos (ser atleta, jornalista, dirigente, patrocinador e etc).

¹⁹ Orientação para o resultado, orientação para a experiência, orientação para o processo e orientação para a sociabilidade.

selecionados quanto serem abertos para o esporte olímpico em geral. É pouco provável que observemos aqui o caráter singular e autônomo que as torcidas organizadas de futebol adquiriram. Deste modo, torna-se mais real a possibilidade de constituir uma ordem de interação em contextos que a microsociologia chama de interação não-focalizada (JOSEPH, 2000)²⁰.

Um exemplo típico de construção de um ordem de interação são os animadores de torcida. Isto não é algo, contudo, sua presença parece estar amplificada, oficializada e colocada em um contexto de um espetáculo de entretenimento bem produzido. Há música antes, após e durante cada momento no qual não haja competição²¹. Em muitas modalidades, dançarinas contratadas exibem pequenas coreografias a cada pedido de tempo ou intervalo. Atores fantasiados como as mascotes brincam com a platéia entre um jogo e outro como se fosse um circo ou um show. Apresentadores conduzem pequenos jogos e desafios com o público no intervalo. Tudo parece estar preparado para manter uma excitação constante²².

Porém, mais importante do que isto é observar as formas de convocação pública que vêm sendo engendradas para comandar as movimentações e cantos da torcida. Elas podem ser de três formas. Em primeiro lugar, pela alocação de um profissional, geralmente com uma roupa chamativa, no meio da torcida para comandá-la. Em segundo lugar, pelo apresentador que comanda coreografias²³ e gritos de incentivo antes do jogo, durante os intervalos ou mesmo entre um ponto e outro (no caso do voleibol e do vôlei de praia). Por fim, pelo próprio painel eletrônico que, mais do que um placar tornou-se uma ferramenta de comunicação e entretenimento. Por meio dele, a direção do espetáculo pode pedir que se batam palmas para uma jogada bonita ou que se faça uma *hola*, induzindo uma forma coletiva e correta de torcer durante a competição. Neste contexto, valoriza-se uma excitação amistosa e jocosa, jamais agressiva. Há uma expectativa mais ou menos construída de exibição de fair play entre o público e de modos de comportamento que os tornam mais espectadores do que torcedores. Com efeito, os comportamentos tendem a satisfazer uma condição estrutural: relacionam disposições sensoriais diversas e uma linguagem corporal feita de movimentos, gestos e atitudes; uma 'rendição', tal como no vocabulário de Simmel sobre a reciprocidade.

²⁰ Entendidas como formas de comunicação interpessoal que resultam da simples co-presença.

²¹ Na Arena Olímpica do Pan-americano de 2007, havia mesmo uma iluminação com holofotes coloridos girantes dando um efeito parecido com o de uma boate ou show.

²² Em minha experiência, por vezes havia um descaixe entre esta excitação fabricada e o clima do jogo. Ora porque o jogo não era nada excitante, ora porque o jogo era excitante o suficiente. Um exemplo reside no jogo final do basquete masculino entre EUA e Espanha, quando o elevado desempenho espanhol tornou o resultado quase imprevisível.

Naquele evento, as dançarinas e as músicas se tornaram um acontecimento completamente deslocado e sem sentido.

²³ P. ex.: holas, batidas de pé e acenos.

Os espaços olímpicos criam uma dimensão sensorial

Uma característica importante dos espaços é sua ambientação. Sua configuração atua de maneira complementar às lutas pela definição da destinação do espaço e do estabelecimento de suas fronteiras, configurando-se reciprocamente. Também pode ser dito que funcionam como um ‘quadro’, ou seja, um dispositivo cognitivo e prático de atribuição de sentido que rege a interpretação de uma situação e o engajamento nessa situação. Curiosamente, neste caso, este quadro torna-se também o produto de uma tensão entre um sentido internacional (olímpico) e um sentido local (Chinês, no caso). No caso de Beijing, organizar os Jogos era uma maneira de demonstrar ao mundo sua capacidade de realização, de buscar uma forma visível de celebrar seu status de potência mundial e, ao mesmo tempo, de enfatizar sua identidade e a força de sua cultura e tradições (CLOSE; ASKEW; XIN, 2007). Tudo isto, contraditoriamente, por meio da realização de um evento claramente enraizado na tradição da cultura ocidental²⁴.

A cidade olímpica se define sensorialmente por suas bandeiras, cartazes, sinalizações, jardins, cores, propagandas e símbolos específicos visíveis praticamente desde o momento que se deixa o avião. Esses sinais carregam os Anéis Olímpicos, imagens da Tocha Olímpica, grafismos diversos com as cinco cores dos anéis, a logomarca dos Jogos, imagens dos mascotes e dos patrocinadores. Seu contraponto é seu patrimônio cultural, suas urbanização específica, sua população e seus costumes, às vezes alheios à realização dos Jogos.

A ambientação colorida e embandeirada da Beijing criou a expectativa de viver a mesma festa de rua que presenciei no Rio e em Sydney, especialmente. Todavia, não havia por parte do governo local nenhum interesse na formação de aglomerações humanas. Em toda a cidade havia apenas um telão na rua²⁵, nenhuma programação cultural externa e uma quantidade extraordinária de guardas de todos os tipos e em todos os lugares²⁶. Algo bastante diverso dos telões, espetáculos, performances e da festa de rua que se transformou Sydney ou mesmo da praça das medalhas em Copacabana, no Rio. Curiosamente, a maior ‘festa’ de rua que presenciei foi a cerimônia diária de

²⁴ Deve ser reconhecido que uma forma típica de celebração identitária nos Jogos Olímpicos é a cerimônia de abertura. Para fins desse trabalho, contudo, este elemento não será discutido.

²⁵ Colocado de tal modo transversal, que o melhor lugar para assisti-lo era no segundo andar de uma loja KFC.

²⁶ Foi noticiada antes dos Jogos a arregimentação de 400 mil guardas voluntários temporários. Com suas faixas vermelhas escritas em mandarim e inglês, era possível ver de aposentados a varredores de rua atuando também como vigilantes da ordem pública por todo o lado.

descerramento da bandeira chinesa na Praça Tienanmen, que por seu caráter marcial atrai muitos turistas. Assim, a festa, esta importante forma de socialização e de reversão das separações prévias, era algo bastante limitado e seu sentido deslocado. Assim, se as cidades olímpicas parecem estar cada vez mais parecidas, parece claro que, no caso chinês, o envolvimento da cidade no evento estava condicionado pelo grau de liberdade desejado e permitido pelo governo.

Uma observação mais atenta levou-me a perceber a existência de um padrão estético mais ou menos constante entre as cidades-sede mais recentes. Num plano mais geral, isto pode ser percebido na maneira de escrever o nome da cidade (de uma forma que sugere o ‘rabiscado à mão’), nas cores (com evidente predominância do azul), nos grafismos nos uniformes (sugerindo movimento, seja do ar, seja das águas), além, é claro, no uso inescapável dos símbolos olímpicos. Os uniformes dos voluntários podem ser tomados como um caso típico. Apesar de as últimas três edições dos Jogos terem se realizado em países tão diferentes quanto Austrália, Grécia e China²⁷, sempre era possível observar os uniformes de calças bege em estilo cargo e as blusas pólo azuis com grafismos que sugerem movimento²⁸, nos quais as logomarcas dos Jogos faziam uma aparição maior nas costas do que na frente.

De modo mais específico, isto está presente nas maneiras de sinalizar, organizar e decorar os espaços olímpicos. A mesma semelhança presente nos uniformes tornou-se visível também na ambientação dos espaços, nas cores, nos grafismos e também nos ícones de sinalização amarelos, de formato arredondado²⁹, apesar de cada cidade ter e exibir sua logomarca e mascotes próprios. É claro que os gritos da maioria dos torcedores e, por vezes, as apresentações artísticas de elementos da cultura chinesa, não deixam esquecer completamente onde se está.

A semelhança sensorial parece criar um dispositivo de atribuição de sentido que se torna cada vez mais forte por meio da repetição, auxiliando a definir o ambiente olímpico como algo supranacional, com suas formas próprias de ação e de valores. Assim, as marcas identitárias do projeto universalista do Movimento Olímpico não eliminam mas superam, em seu ambiente

²⁷ Vale observar que entre estes países, apenas a Grécia usa o azul como cor nacional.

²⁸ Em oposição ao púrpura e verde que dominavam os uniformes em Atlanta 1996.

²⁹ Chamou-me à atenção o quanto eram semelhantes em forma, cores e diagramação as placas de sinalização do Pan do Rio e dos Jogos de Beijing.

específico, as possibilidades de singularização daquela edição da competição³⁰. Comparativamente, pouca diferença fazia estar em Sydney ou Beijing.

As limitações para se pensar a fluidez dos espaços olímpicos

Um dos atributos do espaço, segundo Simmel, é a condição deles poderem ser trocados ou, quando na condição de uso por grupos sedentários, se tornarem fluidos a ponto de gerarem conseqüências singulares que afetam os pressupostos dos atributos anteriores. Irei considerar esta questão a partir das duas dimensões espaciais do objeto analisado.

Pareceu-me evidente a pouca fluidez dos espaços olímpicos específicos. Como tentei demonstrar, as instalações olímpicas tinham suas destinações, delimitações, expectativas de atuação e produção sensorial bem definidas e estruturadas. Em oposição, considerar a própria cidade como um espaço olímpico remete a um campo de possibilidades bem mais amplo, uma vez que pressupõe considerar como a pluralidade da vida social local é afetada pela organização dos Jogos. Que re-arrumações dos espaços urbanos são feitas em seu nome? Que classes e grupos são afetados e/ou manipulam os impactos espaciais dos Jogos em seu benefício próprio? Que imagens e identidades são escolhidas para serem legitimadas internamente e projetadas externamente?

Este foi um desafio praticamente intransponível naquele momento. O fato de ter acumulado alguma informação prévia a partir da imprensa sobre alguns impactos dos Jogos para sua população, e ter obtido indícios de sua verificabilidade, ou mesmo contar com a sorte de ter colegas chineses para obter informações pessoais, não permitiam que eu me considerasse equipado para interpretar a cultura local e como ela interagiu com os Jogos. A começar pela barreira da língua, uma vez que poucos chineses se comunicavam em inglês e eu ainda menos em seu idioma, havia uma impossibilidade de compreender seriamente a cultura local em sua complexidade e como ela foi impactada pelos Jogos. Além disso, por vezes, a própria condição de observador ficava em questão. Quanto mais me afastava dos espaços 'olímpicos' e das zonas mais intensamente freqüentadas por turistas, mais me transformava de observador em observado. Mesmo no

³⁰ Segundo minhas observações, isto também pode ser válido quanto se compara com os Jogos Pan-americanos do Rio em 2007.

transporte de massa, era bastante perceptível o olhar observador que os moradores dirigiam a mim. Nas condições específicas do contexto e no fato de ser um observador em movimento, tinha poucas condições de ‘banalizar’ minha presença no cenário, embora isto não fosse, de fato, algo fundamental para o tipo de investigação que me propus a realizar.

Como toda cidade olímpica, Beijing passou por uma série de intervenções urbanas quase sempre já previstas e que tomam impulso por meio dos Jogos. Sete grandes linhas de metro assim como a ampliação ou construção de avenidas e anéis viários foram feitas para preparar a cidade. Suas indústrias mais poluidoras foram movidas para outros lugares³¹. Fala-se, contudo, em cerca de um milhão e meio de residentes deslocados para a realização destas obras.

A vagueação pela cidade apenas me fez observar como a ornamentação da cidade foi ampliada pela colocação de flores, ainda em seus saquinhos pretos, em torno das árvores, os cartazes incentivando a população a fazer fila nos pontos de ônibus e a renitência do hábito de escarrar em público, apesar da notícia de campanhas contra isto e outras coisas antes de receber os turistas. Pude observar ainda a repetição da vaga nacionalista já vista em Sydney, materializada na multiplicação das aparições da bandeira nacional em diferentes tamanhos e formatos e da cobertura da mídia local quase que exclusiva de seus heróis.

Finalmente, apenas como uma nota, vale comentar o manuseio articulado e cuidadoso de tradição e modernidade nas principais construções olímpicas: o estádio (o ninho do pássaro) e o parque aquático (o cubo d’água). Ambos foram construídos no extremo norte na cidade, em meio a um novo parque arborizado e dotado de um lago destinado a amenizar seu clima. Todavia, suas formas e localização são cheias de um simbolismo que relacionado às idéias de equilíbrio e tradição. Na tradição chinesa, a forma circular remete às idéias de ‘céu’, ‘paraíso’, enquanto a forma quadrada representa a idéia da terra. A forma retangular do Cubo D’água e a forma circular do Ninho do Pássaro, assim como o posicionamento destas construções uma em frente à outra evocavam a complementaridade destas idéias, encontráveis em outras construções típicas da China, como o Templo do Céu, por exemplo. Do mesmo modo, sua localização no prolongamento de um eixo imaginário que passa por uma série importantes construções antigas ao mesmo tempo em que corta a cidade de norte a sul, parece ter sido planejada como uma mensagem da união entre passado e modernidade no seio da tradição e da continuidade daquela civilização.

³¹ Não encontrei comentários sobre o que foi feito de seus funcionários.

Estes fatos são indicadores de como, numa dimensão mais alargada, é possível pensar na fluidez e na reconfiguração dos espaços da cidade a partir da experiência de preparar-se e receber os Jogos Olímpicos, e como isto pôde ser feito a partir de um projeto identitário – e autoritário – de nação. Mas, penso que em meu empirismo suave pouco posso dizer sobre isto.

III.

Os Jogos adquirem atributos próprios que transcendem a identidade da cidade. A preocupação de demarcá-la como uma ‘cidade olímpica’ acaba por, até certo ponto, apagar sua identidade própria. Sua destinação temporária, suas delimitações criadas, as ações e as trocas realizadas nos espaços públicos e sua ambientação, parecem ter dado um sentido universalista mais preciso para o abstrato lema dos Jogos: “Um mundo, um sonho”. De qualquer forma, este evento nos permite pensar na necessidade de investigar como diferentes sociedades têm se apropriado do Movimento Olímpico, dos Jogos Olímpicos e de seus valores proclamados como forma de construção de suas próprias representações coletivas.

Neste caso específico, podemos apostar que a tensão entre o local e o universal parece estar contida entre os diferentes espaços da cidade. De um lado, aqueles dedicados aos Jogos, com suas fronteiras, destinações, valores, práticas e identidade específicas. De outro, os espaços da cidade que influenciados ou alterados pelos Jogos, mas que não fazem parte objetiva deles. Pode-se perceber que tais arranjos espaciais entre o local e o universal podem variar segundo sua necessidade e seu sentido para a organização dos próprios Jogos. Neste caso, o caráter autoritário do governo chinês influenciou na maneira como o universal e o local se encontravam no espaço público tentando manter seu controle sobre este último.

Em contas finais, inspirados em Clifford Geertz, poderíamos pensar que os Jogos se fazem *em* cidades e não *nas* cidades.

Referências

- ARCHETTI, E. P. The Spectacle of Heroic Masculinity: Vegard Ulvang and Alberto Tomba in the Olympic Winter Games of Albertville. In: KLAUSEN, A. M. (Ed.) **Olympic Games as Performance and Public Event**. New York: Bergham Books, 1995, p. 195-208.
- BROWNELL, S. Western Centrism in Olympic Studies and Its Consequences in the 2008 Beijing Olympics. In: BARNEY, R. et al. (Orgs.) **Pathways: critiques and discourses in olympic research**. London, CA: International Centre for Olympic Studies, 2008, p. 20-30.
- CLOSE, P.; ASKEW, D.; XIN, X. **The Beijing Olympiad**. The political economy of a sporting mega-event. New York: Routledge, 2007.
- DaCOSTA, L. P. **Olympic Studies: Current Intellectual Crossroads**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002.
- DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. In: **Antropolítica**, n. 14, p. 17-39, 1. sem. 2003.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter** 2007. Disponível em http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_122.pdf. Acesso em 13 de março de 2008.
- JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. **A Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- JOSEPH, I. **Erving Goffman e a Microsociologia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- JULLIEN, F. A Arte do Desvio. In: MORIN, E et al. **A Sociedade em Busca de Valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 163-175.
- KLAUSEN, A. M. Introduction. In: _____ (Ed.) **Olympic Games as Performance and Public Event**. New York: Bergham Books, 1995, p. 1-8.
- LOLAND, S. Coubertin's Ideology of Olympism from the perspective of the History of Ideas. In: **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, v. IV, 1995, pp. 49-78.
- MacALOON, J. Encoutring Our Others: Social Science and Olympic Sport. In: KANG, S.P.; MacALOON, J. DaMATTA, R. (Orgs.) **the Olympics and Cultural Exchange**. Seul: The Institute for Ethnological Studies / Hanyiang University, 1987, p. 15-41.

- MESSING, M.; MÜLLER, N.; SCHORMAN, K. Local Visitors and Tourists at the Modern Pentathlon in Sydney 2000 – a Contribution on the Internal Differentiation of an Olympic Spectator. In: MESSING, M.; MÜLLER, N.; PREUSS, H. (Hg.) **Olympischer Dreiklang**. Werte – Geschichte – Zeitgeist. Kassel: Agon Sportverlag, 2004, p. 365-406.
- SAID, W. E. **Orientalismo**. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- SCHRADER, A. **Métodos de Pesquisa Empírica e Indicadores Sociais**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.